

YONNE DE FREITAS LEITE

A linguista de paixão infinda

BRUNA FRANCHETTO

Setor de Linguística, Departamento de Antropologia,
Museu Nacional

CÁSSIO LEITE VIEIRA

Ciência Hoje/RJ

A cena pode ser refeita nos seguintes termos. Uma aluna adentra, assustada, a diretoria da escola. Seu temor é ampliado ao se deparar, na sala, com a professora de geografia em prantos. O motivo da convocação da jovem estudante era uma resposta na prova daquela disciplina – que a mestra havia julgado provocação. A pergunta (anacronicamente, bem despropositada) era: “Qual a raça mais adiantada do mundo?”

Com base em dados observacionais sólidos, colhidos quase diariamente, a aluna não titubeou: “A raça mais avançada do mundo é a vermelha”.

Contextualizando os fatos. Tempo: Segunda Guerra Mundial. Local da escola: Copacabana, zona sul da

cidade do Rio de Janeiro. Número de ‘raças’ existentes: quatro. A saber: branca, a dos colonizadores; negra, que havia sido a dos escravos; amarela, dos asiáticos; e a vermelha, do índios. Estes últimos, para nossa protagonista, extintos no Brasil.

Índios a jovem Yonne só conhecia por meio da famosa (e hoje histórica) caixa de biscoitos Aimoré. Nela, o personagem tinha uma pena atravessada no nariz. Também havia ouvido falar dos tupis e dos bororos, imortalizados em marchinha de carnaval. À época, ‘tupiniquim’ e ‘botocudo’ eram aplicados pejorativamente a pessoas julgadas atrasadas ou matutas. E *Guarani* era uma ópera do compositor brasileiro Carlos Gomes (1836-1896).



YONNE DE FREITAS LEITE

Em seus passeios pela orla de Copacabana, na altura do Posto 4, chamava a atenção de nossa pré-adolescente homens com pele tomada por forte tonalidade rósea. Eram marinheiros norte-americanos que, na folga, aproveitavam o sol do verão carioca. Estavam ali, sabia a jovem, para proteger o Brasil do ataque das nações inimigas. Estavam ganhando a guerra, a menina sabia disso. Mais: haviam inventado maravilhas, como *sundae*, *milk-shake*, *waffles*, *pancakes*... E avanços tecnológicos imbatíveis, como o pirez colorido.

Sim, aqueles vermelhos haviam de ser a raça mais avançada do mundo. Como a professora de geografia não havia entendido fatos tão contundentes?

A historieta oferece os sabores de uma época. Mas o foco não deve ser a intrincada relação estabelecida por uma estudante entre soldados bronzeados, raça e desenvolvimento.

O sutil do relato – feito décadas depois, por nossa personagem, Yonne de Freitas Leite – está em outro ponto: no fato de ela acreditar que, na metade do século passado, não havia mais índios no Brasil. A ironia: as forças da história fariam daquela menina uma especialista de renome internacional em línguas indígenas.

A língua tapirapé seria sua paixão. Paixão que, nas palavras de Yonne, não daria para ser consumida em uma só vida.

>>>

perfil

Yonne Leite no colo da mãe; na primeira comunhão, na década de 1940; e ao violão, com o irmão, Edmilson (bongô) e um primo



LÍNGUAS E FALANTES MORTOS Da reprimenda na diretoria até a surpresa de falantes (vivos!) de línguas indígenas, foi-se um tempo. Yonne terminaria o ‘clássico’ – modalidade do ensino médio à época – e entrar na Faculdade de Letras da Universidade do Brasil, mais tarde Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Opção: línguas neolatinas.

Formada, Yonne estava, em 1957, pronta para começar sua carreira como professora de francês. Na graduação, ela havia sofrido sobrecarga literária, por conta do acúmulo de disciplinas obrigatórias: língua e literatura latina, francesa, italiana, espanhola, portuguesa, brasileira, latino-americana... Sem contar psicologia, filosofia, teoria de ensino e didática, para, como ela, os que optavam também pela licenciatura.

Linguística? Joaquim Mattoso Câmara Júnior (1904-1970) – ex-arquiteto, ex-advogado – lecionava, com a vocação de um presbítero, a disciplina. Mas não para estudantes de neolatinas. No Brasil, só a partir de 1963 seria disciplina obrigatória para a graduação de letras.

A recém-formada ganhou bolsa de estudos para um curso de verão na Universidade de Michigan (EUA). Amigos da família chegaram a aconselhar: era inapropriado uma jovem viajar sozinha ao exterior. O pensamento liberal da família, no entanto, não viu impedimento para a empreitada. E lá se foi a recém-formada para os Estados Unidos, autorizada e

abençoada pelo pai, o cearense João Vieira Leite, empresário do setor de importação-exportação na então capital federal, e da mãe, a potiguar Emília de Freitas Leite. O casal teve três filhos: Edmilson (1917-1991), que se tornaria advogado e funcionário do Ministério da Fazenda, e Maria Yedda (1921-2011) – mais tarde, Linhares –, professora catedrática de história da UFRJ.

O ambiente familiar era culturalmente rico. Muitos livros – principalmente os de poesia, predileção do pai, autodidata e maçom – e música. Neste quesito, Yonne se destacaria como violonista hábil e intérprete de canções do baiano Dorival Caymmi (1914-2008), com Edmilson, por vezes, ao bongô. Traço comum entre os três irmãos: orgulhavam-se da cultura recebida e de ser funcionários públicos.

Na universidade norte-americana, Yonne, em um exercício de linguística – disciplina que conheceria naquele momento – defrontou-se com um idioma estranho: maxakali. Mas a palavra que vinha a seguir é que lhe chamou a atenção: Brasil.

Surpresa, Yonne foi falar com o professor do curso, Henry Hoenigswald (1915-2003). Argumentou que tanto essas línguas quanto seus fa-

lantes não existiam mais no Brasil. Surpresa a dela quando um colega de turma alegou fazer doutorado em uma dessas línguas ‘mortas’: o *tzeltal*, do México.

A partir daí, Yonne soube da grande diversidade de línguas. Embarcou fervorosa, em suas palavras, na canoa da linguística indígena e foi estimulada por outro encontro casual, que a fez conhecer dois antropólogos brasileiros, Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006) e Luiz de Castro Faria (1913-2004). O primeiro indicou a Yonne o Museu Nacional, local onde poderia alimentar seu recente interesse por línguas indígenas e onde o coordenador de linguística era Joaquim Mattoso Câmara Júnior – à época, conta Yonne, era comum que o estudo de línguas indígenas estivesse estabelecido em museus.

No Museu Nacional, Yonne entabulou diálogo que a diferenciaria de outros linguistas: a constante troca de ideias com a antropologia. Seus interlocutores incluíam nomes como Roque Laraia e Roberto da Matta. Esse contato levou, mais tarde, Yonne a ser presidente da Associação Brasileira de Antropologia (1998-2000). Para ela, o afastamento desses dois campos do conhecimento, a partir da década de



VITÓRIA/REPOSITO SODAS

1970 – quando, no Rio de Janeiro, a pós-graduação em linguística deixou o Museu Nacional e foi para a Faculdade de Letras da UFRJ –, foi prejudicial para os dois lados.

No diagnóstico de Yonne, selou o fim “das relações felizes” entre antropologia e linguística: i) o estruturalismo da linguística norte-americana – segundo o qual “bastaria documentar, segmentar, arrolar e rotular para se ter uma língua completa”; ii) o surgimento da gramática gerativa, “que concebe a linguística como ciência da mente [e a] retira do campo da sociologia e da antropologia”, estreitando, assim, o diálogo com a psicologia e as neurociências. O foco deixava de ser a língua em si e passaria à faculdade humana da linguagem.

De volta dos Estados Unidos, a jovem professora de francês deveria cumprir contrato com o Ministério da Educação e Cultura. O projeto, porém, não saiu, e Yonne se viu desempregada. “Sorte minha”, conta ela.

O destino a queria professando não a língua de Balzac. Mas a de habitantes da Amazônia brasileira.

TINHERU OPITARI O batismo de linguista de Yonne se deu apenas em 1968. No Museu Nacional, preparou-se para seu primeiro trabalho de campo, entre os tapirapés, no estado do Mato Grosso. Na mochila: anotações, livros e dicionários sobre a língua tupi, entremeados ao equipamento igualmente indispensável para a aventura científica: rede, mosquitoireiro, pilhas,

gravador, lanterna, lampião, fogão a querosene, latas de salsicha, macarrão, sopa em pacote e biscoitos. Miçangas, facas e facões como presentes. A ex-professora de francês estava pronta para sua missão no mato.

O romantismo da empreitada exigia – quase como pré-requisito do pacote para se tornar profissional da área de línguas indígenas – sofrimento. “E se pegasse malária, ainda melhor”, completa Yonne. A liturgia da passagem devia ser dolorosa, heroica e cheia de histórias pitorescas.

Desse seu primeiro estudo de campo, Yonne lembra-se de histórias – e “foras tremendos”. Sofrimento e heroísmo não tiveram lugar. Malária também não. “A aldeia era linda, o banho no rio uma delícia, o povo melhor ainda. Não passei fome. Até engordei. Não vi cobras, nem um jacaré, nem uma onça.”

A surpresa ficou por conta das Ir mãzinhas de Jesus, que desenvolviam trabalho humanitário na aldeia desde a década de 1950. As missionárias, temerosas, esperavam receber uma carioca do tipo *mulier copacabanensis*. “Surpreenderam-se com uma nordestina atávica, que adorava dormir em redes, comer farinha com tudo, que não sentia falta de leite, que estava acostumada à escassez de água e a carregar baldes – a falta d’água no Rio de Janeiro era costumeira e tão endêmica quanto a malária no local –, que matava baratas numa boa, que sabia nadar – e bem – e falar o dialeto maranhense reinante na área.”

A mesma acolhida calorosa veio dos tapirapés. À noite, se reuniam em torno de Yonne para contar histórias e perguntar sobre a vida na cidade. Os encontros duravam horas, regados com cauim e mandioca grossa quente. “Os jovens me procuravam para aprender a ler e escrever em português; os mais velhos, para o que chamavam *tinheru opitari* (traduzindo: hospital de dinheiro), ‘cirurgia’ que Yonne providenciava em notas velhas e rasgadas, para que pudessem ser usadas.

De triste e doloroso, Yonne trouxe apenas o testemunho *in loco* do traba-

lho escravo e da violência rural. De gente humilde que era aliciada por fazendeiros para o desmatamento e que, sem salário, acaba com dívidas enormes (comida, transporte, ferramentas de trabalho etc.) com os latifundiários. Muitos – os que não morriam de malária – tentavam fugir e acabavam caçados, capturados ou mortos pelos chamados ‘gatos’, tipo de capitão do mato pós-escravagismo.

“Ficou-me gravada na memória a indignação de um jovem e combativo tapirapé que, ao exigir a inclusão de determinada área na delimitação das terras, ouviu do agrimensor a seguinte provocação: ‘Foi a Missão [Irmãzinhas de Jesus] que botou isso na cabeça de você, não foi?’. Ao que o jovem respondeu: ‘Não precisamos de ninguém para nos fazer pensar, temos nossa cabeça para pensar. Não temos é boca com palavras de branco para falar direto.’” Esse caso foi relatado por Yonne no prefácio do livro *Lágrimas de boas-vindas – os índios Tapirapé do Brasil Central*, de Charles Wagley (São Paulo: Edusp, 1988, tradução). Outro clássico da área sairia no mesmo ano: *Tapirapé: tribo tupi no Brasil Central*, de Herbert Baldus (São Paulo: Edusp/Companhia Editora Nacional, 1970), que os estudou, em primeira mão.

INHONI MORDEU CACHORRO! Em 1968, a bibliografia sobre a língua falada pelos tapirapés era nula. Restava, então, a Yonne estudar a fonética, a fonêmica e a sintaxe de uma língua sobre a qual praticamente nada se sabia, a não ser o fato de ela pertencer à família tupi-guarani.

Em cerimonial, em local distante, a linguista foi mordida por um cachorro. Em pouco tempo, a notícia chegou à aldeia: “Inhoni mordeu cachorro”. O lado positivo foi que isso a levou a pensar na ordem OVS (objeto, verbo, sujeito) como possível e frequente nas frases tapirapés. Essa ambiguidade decorrente de uma primeira tradução para o português apurou os ouvidos de Yonne para frases como “Corre, Inhoni, corre, vem cá,





A linguista na década de 1950 (à esquerda); em pose para a fotógrafa Simo Nery, nos Estados Unidos, em 1987 (ao lado); em reunião de família, em 1967 (a segunda à esquerda); e com criança tapirapé, em Mato Grosso

Irmãzinha mordeu piranha.” Ou como “Cachorro matou porcão”, depois da qual Yonne imaginou, feliz, um jantar à base de suíno. Com ar triste, o índio corrigiria o ‘fora’ da linguista: o cachorro dele havia morrido.

O padre José de Anchieta já havia notado esse traço, denominado anfibologia, em seu *Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brasil* (1595). Escreveu ele que a dúvida se dissipa pelo contexto: “pela matéria que se trata, comumente fica claro, como de coisa animada com inanimada ou de maior qualidade com menor”. Em miúdos: “Farinha comeu José” ou “Maria mordeu piranha”. Mas, quando sujeito e objeto são pessoas, a ambiguidade permanece.

Segundo Yonne, o edifício teórico que empregava para estudar o tapirapé começou a ruir quando ela iniciou a descrição das vogais nasais – em tempo: o tapirapé tem 13 consoantes, cinco vogais orais e cinco nasais.

A resolução do impasse, conta Yonne, caiu do céu. Literalmente. O avião do Correio Aéreo Nacional deixou na missão o pacote enviado pelo pai de Yonne. Essas encomendas chegavam semanalmente e traziam sempre cigarro – que formou uno indissociável com a linguista –, camisas de lampião, bicos de lanterna, chocolate, sabonete, jornais

e revistas, entre outros itens. Mas, naquela semana, havia presente de Cardoso de Oliveira: o livro *Current issues in linguistics theory* [algo como *Problemas atuais em teoria linguística*], do então já renomado linguista norte-americano Noam Chomsky. O novo modelo ali presente solucionava impasses de Yonne de “maneira elegante e econômica”. O contato com essas novas ideias fez Yonne querer ir para os Estados Unidos. Buscava o novo, o atual. Com bolsa da Fundação Ford, foi fazer, em 1970, seu doutorado na Universidade do Texas, onde se tornou colega de dois outros estudantes brasileiros e futuros linguistas, Mário Perini e Margarida Basílio.

Lá, apesar de sua experiência com línguas indígenas, Yonne optou pela língua portuguesa como tema da tese, tratando de fonologia gerativa – com a qual ela havia tomado contato com o livro de Chomsky –, acentuação e formação do plural. Seu orientador foi Robert Harms – hoje, professor emérito naquela universidade.

GENEROSIDADE O contato com as então novas ideias da fonologia gerativa não limitaram as análises de Yonne. Um dos traços característicos de sua abordagem como pesquisadora foi a lição aprendida no início de carreira: “O fenômeno da linguagem é tão com-

plexo que, nem usando todas as teorias existentes, se dá conta da totalidade de seus aspectos [...] Hoje, se sabe que, para se chegar a algum porto mais seguro, é preciso ter perspectivas diferentes, testar várias hipóteses e teorias concorrentes e, mesmo que se tente unir todas essas perspectivas, muita coisa ainda ficará de fora”. Nesse tema, Yonne recorda do companheiro ausente, Carlos Franchi (1932-2001), “com quem [eu] conversava sobre a limitação das teorias, da impossibilidade de completude, da necessidade dos recortes, que se, por um lado, facilitavam o trabalho, por outro, o empobreciam”.

Ao longo dos 40 anos de carreira, Yonne escreveu cinco livros – os mais populares são: *Como falam os brasileiros*, com Dinah Callou (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 3ª ed., 2006) e *Origem das línguas* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2ª ed., 2004), com Bruna Franchetto. Foram também dezenas de capítulos de livros, artigos, trabalhos em anais, apresentação em encontros, cursos, palestras etc.

“Quando conversávamos, seu raciocínio era consistentemente rápido, bem informado, baseado em um estudo sério da língua e da linguística; ocasionalmente, irreverente e entrelaçado com risadas”, diz o colega norte-americano Anthony Seeger, pro-



FOTOS: ALIANÇA DE FAMÍLIA

fessor emérito de etnomusicologia da Universidade da Califórnia em Los Angeles.

Seeger lembra que a generosidade de Yonne foi especialmente valiosa quando ele assumiu o cargo de Diretor do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social e a chefia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional. “Como um estrangeiro com poucos anos na instituição, eu tinha muita boa vontade, mas não muita experiência com o departamento, para além dos antropólogos sociais”, explica. “Yonne me ajudou com imensa quantidade de sugestões e conselhos valiosos. Era intelectualmente generosa e, com frequência, muito franca. Serei sempre grato a ela pelo bom humor e pela ajuda naqueles anos memoráveis”, diz Seeger, também diretor emérito do Smithsonian Folkways Recordings.

A linguista portuguesa Maria Helena Mira Mateus demonstra gratidão semelhante: “Os seus amigos puderam desde sempre se beneficiar da generosidade discreta e da delicadeza que a Yonne sabe imprimir nas relações humanas que estabelece. A minha visão do Rio de Janeiro seria dife-

ELO ENTRE ANTROPOLOGIA E LINGÜÍSTICA

Yonne de Freitas Leite sempre surpreendeu amigos e colegas por uma espécie de negação do carreirismo e da ambição. Desenvolveu seu trabalho intensamente, dia a dia, sem apelar para extensa divulgação, com a modéstia dos verdadeiros sábios.

Yonne foi uma entre os poucos protagonistas do nascimento da linguística moderna no Brasil, logo após ter concluído, em meados da década de 1970, seu PhD nos Estados Unidos – uma das primeiras mulheres no país a concluir um doutorado e a obtê-lo no exterior.

Yonne brilhou entre os doutorandos em linguística da Universidade do Texas, por uma inteligência especial na formulação e na solução de problemas à luz das teorias formais que já dominavam, por lá, o campo da linguística.

De volta ao Brasil, aliando uma sólida formação com a descoberta da riqueza – em boa parte ainda desconhecida – das línguas indígenas, Yonne contribuiu decididamente para a inauguração da pesquisa científica voltada ao estudo dessas muitas e fascinantes línguas, descortinando, pioneira, um Brasil multilíngue negado e cada vez mais ameaçado.

Sua obra é feita de muitos pequenos ensaios, nenhum grande livro. Mas, em cada frase e em cada página, nós, alunos e leitores de seus escritos e anotações, sempre tivemos a certeza de receber conhecimentos originais produzidos graças à atenção e ao fascínio diante dos dados trazidos de aldeias dos quatro cantos do país.

Duas das várias dívidas que temos com Yonne: o fortalecimento e a ampliação – ainda que não com a intensidade necessária – da pesquisa de línguas indígenas em instituições brasileiras, bem como o aumento do número de jovens que voltam do exterior prontos para se dedicarem a esse trabalho cada vez mais urgente.

O legado de Yonne é generosidade sem limites, o prazer de escrever belos textos – apesar dos indispensáveis tecnicismos e formalizações – e o gosto pelo trabalho em equipe – ainda raro nas ciências humanas e sociais.

Enfim, Yonne manteve um elo – hoje em crise – entre antropologia e linguística, disciplinas para as quais precisamos reinventar um novo diálogo.

BRUNA FRANCHETTO
Museu Nacional (RJ)

rente, mais pobre e menos doce, mais rodeada de solidão e despida de encanto se não soubesse que sempre que apporto a essa cidade tenho o abraço da Yonne à minha espera”, diz a professora catedrática aposentada de linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Pesquisadora 1A do CNPq, Yonne formou 10 mestres e duas doutoras, embora tenha coorientado informalmente muitos, o que a fez conhecida entre colegas e ex-alunos pela generosidade e disponibilidade. “Fiquei encantado, desde o primeiro momento. Ela me recebeu com muita simpatia e me deu logo um artigo para leitura. Destaco também a preocupação sincera que Yonne sempre teve com toda a sua família de orientandos. Acompanhamento que se estendeu, no meu caso, para além do mestrado, com recomendações pro-

fissionais e acadêmicas que foram fundamentais na minha carreira”, lembra Marcus Maia, coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A profissional e a figura humana de Yonne também deixaram marcas em Perini, seu colega desde os tempos de doutorado na Universidade do Texas. “Desenvolvi um grande respeito por sua capacidade profissional, sua motivação, sua simpatia e seu senso de humor; e uma qualidade especial, que encontrei até hoje em pouquíssimas pessoas: uma total ausência de egoísmo. Por um amigo, Yonne faz qualquer coisa, qualquer sacrifício”, diz o professor aposentado – hoje, voluntário – da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. “Uma bela figura humana e profissional, um modelo que tive em mente



Com a cunhada Lia (centro) e a irmã, Maria Yedda, em Annapolis, Maryland (EUA), por volta de 2000



com frequência quando pensei na orientação que queria dar à minha carreira”, completa.

No Museu Nacional, ficaram famosos entre os linguistas e antropólogos os seminários semanais promovidos por Yonne. “Esses seminários, que são sempre lembrados com orgulho pelos ex-alunos da Yonne, privilegiados em receber uma formação científica de excelência, permitiram-nos um mergulho profundo na literatura linguística e nos dados das línguas indígenas, com qualidade até hoje muito raramente encontrada na academia”, diz Maia.

Yonne participou de aproximadamente 70 bancas de defesa. Foi professora visitante em oito universidades brasileiras e na Universidade de Lisboa. Em meados da década de 1990, foi conselheira e editora de ciências humanas da revista *Ciência Hoje*. E, na década anterior, teve atuação na secretaria regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

ESPELHO DO ESPÍRITO Para Maria Helena Mira Mateus, Yonne é uma das mais completas linguistas que ela conheceu. “Se utilizo com convicção a expressão ‘linguista completa’ é porque a Yonne ampliou a sua investigação sobre o nível fonológico das línguas pondo-a ao serviço do estudo das línguas indígenas, aliando o estudo teórico com a relação humana e cultural que singulariza os linguistas que fazem trabalho de campo sobre essas

línguas”, diz a colega portuguesa.

Em 1976, Yonne recebeu a medalha Oskar Nobling – Honra ao Mérito Linguístico e Filológico e, em 2002, a Comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico da Presidência da República. “Pela dedicação a estas áreas da linguística e pelo rigor e aprofundamento da sua investigação, pelo lugar que ocupou como formadora de linguistas de várias gerações, não surpreende que lhe tenha sido reconhecido ao mais alto nível o papel que desempenhou no desenvolvimento da linguística brasileira”, diz Maria Helena Mira Mateus.

“Yonne Leite é uma pessoa especial, tanto no campo profissional quanto no pessoal. Amiga fraterna de todas as horas. Inteligência brilhante, raciocínio rápido, generosidade em todos os planos, nunca abriu mão do rigor científico e de seus princípios. Conviver com Yonne foi e é um privilégio”, é a opinião conjunta de João Moraes, pesquisador da Faculdade de Letras da UFRJ, e de Dinah Callou, professora emérita naquela instituição. Ambos ressaltam uma particularidade no modo como Yonne costumava trabalhar: “lançava uma hipótese, ela mesma encontrava contra-argumentos, saía fumando pelo corredor da Faculdade de Letras, enquanto ela borrava melhor seu raciocínio, e, em geral, trazia já uma solução para a questão levantada. Em vez de pôr no papel suas ideias, preferia elaborá-las oralmente.”

A botafoguense ‘Onha’ – apelido familiar –, nascida em 24 de maio de 1935, segue moradora da Copacabana da ‘raça vermelha mais desenvolvida do mundo’. Tem quatro sobrinhas – Márcia e Mônica, filhas de Edmilson, e Maria Teresa e Zeca, de Maria Yedda –, com os quais sempre foi carinhosa. Em seu apartamento – já denominado ‘hotel cinco estrelas para mimar canídeos’ –, Yonne hospeda, com requinte exacerbado, Xuxu e Boneca, ambos *poodles*.

Em 2007, Yonne abriu um de seus artigos com uma frase do filósofo e matemático alemão Gottfried Leibniz (1646-1716): “As línguas são o melhor espelho do espírito humano”. A paixão pelo tapirapé molda os contornos do reflexo de Yonne, que ousou pôr os pés em um território novo, amplo e ainda inexplorado. Naquela mochila do primeiro trabalho de campo, trouxe na mesma proporção em que levou: conhecimento, amizades, histórias... e, principalmente, generosidade. Formou naquela nova terra no centro do Brasil – que defendeu e pela qual lutou, emprestando sua voz a seus habitantes, por meio de sua militância política acadêmica – sua segunda identidade. Ali, permanecem seu coração e seu pensamento como um porto seguro para os que, como aquela “aprendiz ingênua”, como ela se denomina, ousarem empreender essa viagem linguística, antropológica e – sobretudo e necessariamente – humana...

E infinda...